

TRABALHANDO O GÊNERO ENTREVISTA COMO PRÁTICA DE ORALIDADE E DE ESCRITA EM UM CONTEXTO DE FARINHADA

Maria dos Remédios Sirqueira BARBOSA
SEMEC (Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Teresina-PI)
remediosbarbosa@hotmail.com

Resumo: Neste artigo, apresento uma experiência de ensino de língua, envolvendo práticas de oralidade e de letramento em uma comunidade rural de Teresina – PI, a partir de uma atividade de produção agrícola comum da comunidade – a farinha, cujo êxito deveu-se ao envolvimento da escola e comunidade no plano de estudo “Processamento e beneficiamento de produtos de origem vegetal, bem como da interação entre as várias disciplinas, vivenciando a leitura e a escrita como práticas sociais reais pertinentes aos interesses dos alunos.

Palavras-chave: Oralidade; Letramento; Entrevista; Pedagogia da alternância; Contexto sociocultural rural.

1 Introdução

A História da humanidade é marcada por processos de buscas, descobertas, implementações, objetivando melhorias de vida e compreensão do universo em que o homem se insere. Nesta perspectiva, as linguagens e, mais especificamente, a linguagem humana ocupa lugar de destaque nessas discussões e estudos. Muitos desses estudos tiveram como base estudos feitos por Ferdinand Saussure os quais foram organizadas por seus alunos, especialmente em torno do signo linguístico, das dicotomias significante e significado, língua e fala. A partir da publicação desses estudos ampliaram-se ainda mais os estudos em torno da linguagem. Muitos, importantes e significativos foram e continuam sendo os reflexos dessas discussões. A partir delas houve uma especialização de algumas dimensões linguísticas, como mostra Araújo (2004, p. 10).

A linguagem pode ser caracterizada em dimensões de signo (significação, simbolização e semiótica), de proposição enquanto forma de descrever e/ou representar estado de coisa (relação entre significado, referência e valor de verdade), de ato de fala que demanda um certo tipo de comportamento e um uso em situação (linguagem como forma de comportamento e valor ilocucionário dos atos de fala), de discurso, entendido como efetivação do dizer e do dito (lugar de constituição do sujeito e das formas linguísticas com valor social, política, bem como dos entendimentos mútuos).

Pelo exposto na citação acima, há um conjunto de aspectos interessantes a serem discutidos e que poderiam ampliar horizontes de leitura e, conseqüentemente de escrita, e que em nenhuma dimensão distinguiu-se fala de escrita. Entende-se linguagem como um composto das duas modalidades.

Em meio aos avanços científicos sobre linguagens, discute-se a ineficiência do trabalho linguístico que prioriza aspectos gramaticais, pautados apenas em imposições de regras presentes na Gramática Normativa, por considerarem essa abordagem exclusiva - mecanismo insuficiente - para prover usuários de meios capazes de interações sociais reais. Questionamentos como esse e a busca por caminhos que levem a linguagem a proficiência interativa dentro de comunicações sociais continuam movendo gerações e despertando em pesquisadores o desejo de compreender quais seriam os meios possíveis de potencializar as socializações comunicativas.

Fazendo parte desse universo discursivo, Antunes (2003) destaca em seu livro **Aula de Português: encontro & interação**, a existência de grande número de professores que ainda insistem em ministrar aulas que têm como foco central a tradicional Gramática Normativa, com destaque para a modalidade escrita, por entenderem ser essa modalidade a modalidade linguística por excelência, deixando a fala meio à margem, fora, portanto, das atenções da escola.

Sobre essa postura de algumas escolas e até mesmo de alguns pesquisadores que sobrepõem a escrita à fala, ou a fala à escrita bem como ao tratamento dado a essas modalidades de língua, Marcuschi (2010) destaca alguns aspectos relevantes para observação da relação fala e escrita bastante pertinentes para reflexão e que podem contribuir para possíveis mudanças de postura por nós educadores. Defende que ambas as modalidades são igualmente importantes, são aspectos da linguagem, uma vez que interagimos tanto falando, como escrevendo. É incisivo ao considerar que a “ fala não apresenta propriedades intrínsecas negativas, também a escrita não tem propriedades intrínsecas privilegiadas. São modos de representação cognitiva e social que se revelam em práticas específicas ” (MARCUSCHI. 2010, p.35).

No mesmo sentido, Marcuschi argumenta ainda, mostrando alguns aspectos de ordem cronológica e cultural em que destaca o pioneirismo da fala. Mostra também a importância presente e futura da fala ao lado da escrita. Acrescenta que a fala é fator marcante de identidade social e cultural. Ao lado da fala, situa a escrita, enfocando também sua inestimável contribuição uma vez que “ oralidade e escrita são duas práticas sociais e não duas propriedades de sociedades diversas “ (p.37).

Marcuschi defende que “ as diferenças entre fala e escrita se dão dentro do continuum tipológico das práticas sociais de produção textual e não da relação dicotômica de dois polos opostos” (MARCUSCHI, 2010, p.37). Com isso, pode-se entender que o pesquisador descarta totalmente a supremacia de uma modalidade sobre a outra. Ao contrário, considera que ambas se complementam. O que acontece entre elas são situações de variações, causadas por contextos situacionais presentes no uso real, nas práticas sociais de comunicação, que são também de letramento.

Aponta algumas situações de interações sociais em que fala e escrita se manifestam e que se torna difícil distinguir ou delimitar seus usos como sendo de uma ou outra realização linguística. Discursos manifestados em diferentes situações trazem consigo pontos de interferência comuns, quer sejam orais, quer sejam escritos. São “ realizações de uma gramática única, mas que do ponto de vista semiológico podem ter peculiaridades com diferenças acentuadas, de tal modo que a escrita não representa a fala”. Acrescenta ainda que os textos, orais ou escritos, têm recursos extratextuais que interferem em relação interativa, denominadas de realizações multissistêmicas, que ocorrem porque a oralidade dispõe de palavras, gestos, mímicas, entonação de voz, contato direto, dentre outros; o escrito, fotos, ideogramas, ícone de computador, e grafismos de todo tipo.

Em outros termos, as variações de fala e de escrita são de ordem pragmática, em que ambas são manifestações linguísticas complementares, portadoras de pontos comuns e incomuns, vez que a fala é de concepção oral e, a escrita, gráfico e escrita, e que a variação está presente nas duas modalidades discursivas, dependendo do meio e produção, e da concepção discursiva e de domínio. Em conversações espontâneas, artigos científicos, notícias de tv e entrevista publicada em revistas especializadas existem pontos comuns que se mesclam, impossibilitando afirmar a ocorrência ou supremacia de um aspecto sobre o outro. O que existe entre fala e escrita é um continuum de variações.

Essas variações situacionais e contextuais acontecem, explica Marrusch, porque a língua é um fenômeno heterogêneo com múltiplas formas de manifestações, variável e dinâmica, portanto suscetível a mudanças históricas e sociais, por ser fruto de práticas sociais e históricas, indeterminada, sob o ponto de vista semântico, pois é submetida às condições de produção e que se manifesta em situações de uso concreto como textos e discursos.

Assim, o sentido dos textos orais ou escritos, bem como o planejamento e as formas de organização linguísticas acontecem conforme sejam o contexto de produção, a relação entre os interlocutores, o tema tratado, a finalidade do texto, fatores que influem nas relações sociais discursivas, quer aconteçam em forma oral, ou escrita.

2 Uso da fala e da escrita : uma experiência escolar real

Neste artigo, pretendo apresentar uma experiência de ensino de língua, envolvendo práticas de oralidade e de letramento em uma comunidade rural de Teresina – PI, a partir de uma atividade de produção agrícola comum da comunidade – a farinhada. A atividade pedagógica teve como objetivos 1) Envolver escola e comunidade no plano de estudo “Processamento e beneficiamento de produtos de origem vegetal; 2) Exercitar a interação entre as várias disciplinas; 3) Vivenciar a leitura e a escrita como práticas sociais da comunidade e da escola.

Para melhor compreensão do projeto e de seus meios operacionais, é interessante apresentarmos um pouco do funcionamento da escola, partindo de suas origens, mostrando o trabalho que se propõe desenvolver, sua metodologia e os objetivos que procura alcançar.

3 Projeto Escola Família Agrícola - EFA

Pensar o projeto EFA é concebê-lo como um sistema de ensino que funciona tanto na teoria como na prática. Os primeiros passos dados pelo Padre Abee Granereau, idealizador do que é hoje a Escola Família Agrícola, ainda em 1935 na França, foram dados de forma um pouco tímida em sua abrangência, mas bastante ousados enquanto projeto de ensino e de formação. Sua criação objetivava encontrar um meio de impedir o esvaziamento do campo, um êxodo rural, especialmente pelos jovens, filhos de agricultores. Era preciso criar um sistema de ensino que deveras atendesse às necessidades de conhecimento daqueles jovens, que lhes despertasse o interesse, que fosse útil e aplicável em suas vidas de agricultores, pois o ensino tradicional utilizado pelas escolas urbanas da época mantinham uma larga distância dos interesses dos alunos do campo.

Assim nasceu a Pedagogia da Alternância, processo de alternar espaços e tempos, divididos proporcionalmente entre a escola e a família. Alternância, não é só passar quinze dias na escola, quinze dias em casa, é mais que isso, alternância é um sistema educativo em que o aluno alterna períodos de aprendizagem na família, no meio e na escola, estreitamente interligados entre si através de instrumentos pedagógicos específicos, formando, assim, um conjunto harmonioso entre comunidade, pedagogia, formação integral e profissionalização.

O projeto deu certo, e, aos poucos, foi se consubstanciando, foi sendo divulgado, espalhando-se pelo mundo, pela Europa, África, à América Latina, chegando até nós através do Padre Humberto Pietrogrande, fundador do MEPES, Movimento de Educação Promocional no Espírito Santo, fundador da FUNACI (Fundação Padre Antônio Dante Civiero), da qual é presidente, e é também diretor da Escola Família Agrícola do Soinho (EFA-Soinho).

Os objetivos propostos pelo padre que criou o sistema EFA continuam. A ele foram acrescentados outros e ainda continuam em constante busca de aprimoramento. Dentre outros, é objetivo da EFA do Soinho promover e desenvolver o meio rural do Piauí, através da formação polivalente de jovens egressos desse meio, levando em consideração as perspectivas sócio-econômicas apresentadas pelas atividades agropecuárias de transformação e de serviços existentes no meio social. Apesar do direcionamento para o Piauí, outros Estados têm se beneficiado dos serviços desta escola, como o Maranhão, o Ceará, o Pará, o Amazonas e o Amapá. Essa interação entre culturas diversas muito contribuiu para alargar conhecimentos, experiências, além de criar laços de amizade, desconstruir preconceitos, neutralizando rivalidades interestaduais, ampliando sentimentos de fraternidade e solidariedade.

Para atingir essa pretensão esta EFA, como todas as EFAs espalhadas pelo mundo, utiliza-se de pedagogia própria, a Pedagogia da Alternância, que possui um projeto educativo definido que busca a formação integral da pessoa, qualificação profissional e legal e prioriza a experiência sócio - profissional dos alunos. Parte do princípio de que a vida ensina mais que a escola. Assim, valoriza experiências do dia-a-dia do trabalho, acreditando que a aprendizagem acontece principalmente a partir do fazer concreto e, só posteriormente, chega ao teórico. Para tanto, cerca-se de alguns instrumentos indispensáveis: Plano de Estudo, Sessão Familiar, interferências externas, Visitas às famílias e de Estudos, Assembleia de Pais e de Alunos, Projeto Profissional, dentre outros. São quatro anos de estudos intensos em que o aluno EFA é “sacudido” de todos os lados e modos para enxergar com profundidade e senso crítico sua realidade.

Embora os instrumentos de que se utiliza a pedagogia sejam os mesmos, o modo de utilização, a dinâmica do processo sofre constantes alterações, conforme demandem os contextos sócio-histórico e culturais dos novos alunos, que são ao mesmo tempo causa e efeito das ações da escola, e pelos quais a escola procura sempre adaptar-se para atender às necessidades. Dessa forma, são também efeito, enquanto beneficiários dessas ações. E esse processo considera que a construção do saber acontece nos erros e acertos, na integração do homem com a natureza, na troca de experiências (entre os mais e os menos experientes, velhos e novos), a todo momento, na família, na comunidade, na escola, com os livros, nos grupos organizados, nos meios de comunicação, com a família, com os amigos, com os monitores, com a vida.

Como veem, os objetivos propostos pelas EFAs estão bem de acordo com a lei de Diretrizes e Bases, a LDB, instrumento legal que orienta a educação brasileira. No Capítulo da EDUCAÇÃO, no Título I, Art. 1º.. está escrito:

A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, na instituição de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais. O inciso 2, do mesmo artigo, diz: A educação escolar deverá vincular-se ao mundo do trabalho e à prática social.

Há mais de vinte anos, exerço a função de professora e não atuei em nenhuma outra instituição escolar que estivesse mais de acordo com a LDB como está a educação idealizada pelas EFAs.

No caso específico de Língua Portuguesa, aqui se tem terreno propício para atuar no campo da linguagem, para que possam utilizar-se da língua nas diversas interações sociais. Digo terreno propício, por apoiar-se na Pedagogia da Alternância que por sua vez apoia-se em seus diversos instrumentos. As situações de fala e de escrita baseiam-se em fatos reais da vida

de cada um, do dia-a-dia aqui e na família, das dúvidas, das descobertas, enfim, da vida de cada um.

A interdisciplinariedade acontece naturalmente, uma vez que alunos e monitores estão a maior parte do dia juntos comungando das mesmas discussões, dos mesmos problemas. Os monitores estão ali à disposição, para orientações necessárias, independente de estar em horário de aula, pois na EFA tempos e espaços se fudem e aproveitam-se todas as ocasiões para explicações ou dúvidas que porventura surjam no decorrer do processo.

Durante quatro anos, os alunos são expostos a situações interativas, na sala de aula, nas atividades de campo, no refeitório, na cabana, no lazer, na família, nas visitas, nas palestras, nos serões, nas apresentações dos planos de estudo, nos estágios especiais, na apresentação do projeto profissional. Em todos esses momentos, falam, ouvem, ou escrevem, numa dinâmica de interação enquanto que um efetivo exercício linguístico.

Nesse processo, ao longo de quatro anos, ocorrem mudanças substanciais em todos eles. Muitos, ao chegarem à escola, vêm meio desconfiados, falam pouco e baixo, andam de cabeça baixa. Com o tempo, vão se modificando, tornando-se pessoas mais maduras, sujeitos conscientes do que querem, falam com propriedade, mostram competência e maturidade crítica e ética.

4 O Plano de Estudo (PE) oportunizando interações linguísticas

Durante o curso profissionalizante técnico em agropecuária na EFA-Soinho, o aluno executa trinta Planos de Estudos, que são pesquisas sobre determinado tema, que é pensado pela escola, considerando-se sempre a necessidade e a importância de conhecimentos para a formação não só do aluno, mas também de sua família. Essa atividade vivenciada pelos alunos está bem de acordo com opinião do educador Paulo Freire, citado por Gimonet, quando diz que a boa formação deve “Conceber um método que seja também o instrumento do aluno e não somente do educador e que identifique o conteúdo da aprendizagem com o processo mesmo da aprendizagem” (GIMONET, 2007, p.28).

Desde o planejamento, os PEs consideram as reais necessidades de aprendizagem do aluno em cada etapa do curso. Essa necessidade aliada ao método alternativo de tempos e espaços divide responsabilidades entre a escola e a família que têm como meta principal a formação integral do aluno. Juntos, escola e família, preocupam-se em prover o aluno encaminhando-o aos estudos, às experiências, às descobertas, cujos instrumentais encontram-se dentro de suas realidades.

Jean Claude –Gimonet (2007, p.34) destaca três elementos importantes sobre o Plano de Estudo que devem ser observados para o êxito do uso desse instrumento dentro da pedagogia da alternância:

Pertinência em relação às atividades, às preocupações, às experiências, ao contexto de vida, aos papéis desempenhados no Plano de Formação. O interesse encontrado pelo alternante repercute assim sobre o dos adultos suscetíveis de lhe dar uma ajuda;

Pertinência em relação à evolução do jovem em seus interesses, suas sensibilidades, suas capacidades de apreender o meio ambiente, seu comportamento inicial ao abordar uma profissão, suas relações para com os adultos, pais e/ou mestres de estágio;

Pertinência também em relação à cultura do meio, caracterizada pelos seus modos de pensar, sua linguagem, suas formas de expressão. (GIMONET, 2007,p.34)

Pelo exposto na citação acima, o PE não pode ser algo aleatório. Ao contrário, deve ser cuidadosamente pensado pela equipe de monitores, no sentido de atender às pertinências destacadas acima, e que devem se ater ao interesse do aluno, ao contexto em que vive e a sua cultura.

A partir das colocações até agora tratadas, referentes à linguagem e à Pedagogia da Alternância, em particular, ao Plano de Estudos, (PE), escolhemos desenvolver um projeto envolvendo toda a escola, o qual denominamos de **Festival da Farinhada na EFA- Soinho**. Essa atividade foi escolhida por ser uma atividade comum na vida do piauiense, tanto pela matéria – prima que produz (farinha e goma), como pela vivência prática na maioria das comunidades rurais e até urbanas, por produzir alimentos muito apreciados por todos nós. Por tudo isso, acreditamos que o PE ligado à atividade de produção de farinha e goma atende, assim, a critérios apontados por Gimonet, bem como oportunidade de desenvolver atividades linguísticas.

O Plano de Estudos é uma atividade pedagógica que envolve pesquisa e estudo em torno de um tema, tendo como técnica principal a entrevista, que aluno faz durante a sessão familiar. Essas atividades são desenvolvidas conforme planejadas no Plano de Estudo. Durante o curso, repito, cada aluno faz trinta pesquisas, que têm um ciclo que se inicia na escola com uma motivação feita por monitores. Ao final dessa motivação, são elaborados pelos alunos e monitores alguns questionamentos que servem como roteiro para a entrevista que será feita durante a pesquisa. Na volta para a sessão escolar, os alunos socializam o resultado de suas pesquisas em um grupão, que funciona como proliferação de informações, tornando possível conhecer realidades diferentes, a partir das quais são feitas análises, comparações, reflexões, o que enriquece muito a aprendizagem e contribui também para um amadurecimento profissional e humano, além de contribuir também para a escola conhecer melhor a realidade de cada aluno e de sua família, o que favorece maior proximidade entre monitores e alunos, e, conseqüentemente, maior envolvimento, maior responsabilidade.

Para o projeto **Festival da Farinhada na EFA** aproveitamos o Plano de Estudo intitulado **Beneficiamento e processamento de produtos de origem vegetal**, objetivando provocar nosso aluno a responder com ações concretas, no sentido de compreender-se parte do espaço físico, geográfico, e, principalmente sócio-cultural em que vive e conhece bem. Para êxito do projeto, toda a escola se envolveu ativamente, monitores, alunos, colaboradores, parceiros e comunidade.

A escolha do tema atendeu a dois fatores: primeiro, a proximidade da escola a uma casa de farinha, onde se processa a farinhada, atividade bastante desenvolvida em todo o Piauí e que é parte da cultura do estado, portando de nossa cultura; segundo, o período favorável, pois tradicionalmente os farinheiros elegem os meses de junho a agosto para essa prática.

Definida a escolha do tema, "Processamento e beneficiamento de produtos de origem vegetal", o passo seguinte foi apresentar a proposta de trabalho a toda a equipe de monitores que apoiou totalmente, comprometendo-se a desenvolver dentro de sua disciplina atividades complementares de pesquisa ligadas ao tema.

O passo inicial de concretização de nosso projeto foi uma visita que fizemos à casa de farinha, localizada próximo à escola, para observarmos o trabalho que desenvolvem. A partir das observações, aproveitamos para entrevistar seus trabalhadores.

A partir da visita, cada monitor partiu para ação, desenvolvendo atividades complementares de pesquisas, enriquecendo informações que os alunos já têm, por serem também co-participantes da atividade em suas comunidades, com seus familiares, estendendo o tema em níveis informativos condizentes com a formação de técnicos em agropecuária, ou seja, a partir de práticas empíricas, chegar a níveis de explicações teóricas.

Em História o monitor Dorismar desenvolveu atividades de pesquisa sócio-histórico e cultural para descobrir a origem dessa atividade em nossa cultura. Em Geografia, o monitor José Osni orientou a pesquisa sobre a produção regional de mandioca, que regiões mais se destacam nessa atividade e que fatores justificam a produção maior ou menor. Em Matemática, o monitor Ubirajara orientou a pesquisa no sentido de observar a relação entre a área plantada e a produção; percentual de farinha e goma por quilo de mandioca; tamanho da área e quantidade de pés x produção de mandioca. Em Agronomia, os monitores Fábio e Jopson orientaram a pesquisa, mostrando técnicas de cultivo, processamento da mandioca e fluxograma da produção. Em Veterinária, os monitores Leonardo e Zoraide orientaram para o aproveitamento do subproduto na alimentação dos animais, potencial nutritivo, quantidade indicada para cada animal. Em Química, o monitor Bruno demonstrou de forma prática as misturas químicas no processo de produção de farinha e goma. Em Biologia, o monitor David orientou a pesquisa, mostrando toda a morfologia da planta mandioca. Em Artes, a monitora Maria da Cruz trabalhou o artesanato na farinhada, e fez uma exposição de fotografias que foram tiradas durante o evento. Em Gastronomia, monitores e alunos da EFTUR (Escola Família Turismo), em parceria com a EFA – Soinho, fizeram aulas práticas com produção de bolos e biscoitos feitos à base de produtos da farinhada, além de atuarem em todo o serviço de recepção e serviço de mesa durante o evento. Língua Portuguesa, além de estimular a leitura, pois todas as demais disciplinas exigiam essa atividade como parte do processo, teve como foco o trabalho com o gênero entrevista, por ser um texto muito utilizado na obtenção de dados das pesquisas dos Planos de Estudos. Além da entrevista, lemos também descrições, texto de opinião, gráficos, convites, receitas culinárias, folders, relatório, textos informativos em geral).

A execução do projeto durou onze dias. Iniciamos dia primeiro de agosto, apresentando oficialmente a proposta da atividade aos alunos e monitores (1). Após a apresentação, dividimos os alunos em equipes e cada monitor responsabilizou-se por orientar seus alunos a fazerem pesquisas teóricas sobre o tema, como mostra o parágrafo anterior. Essa pesquisa aconteceu por todo o tempo de ação do projeto, ou seja, as pesquisas bibliográficas aconteceram por dez dias. Dia três fizemos uma aula prática, juntamente com os alunos da EFTUR, que vieram acompanhados das monitores dessa escola. Dia cinco, visitamos a casa de farinhada, pois nesse dia, sexta-feira, o administrador da casa de farinha, senhor Néilson, se dispôs a nos receber, colocando-se a nossa disposição, por uma manhã inteira. Dia dez, tivemos outra aula prática de fabricação de bolos e biscoitos. Dia onze, último dia do projeto, tivemos uma celebração eucarística, celebrada pelo Padre Humberto Pietrogrande. Em seguida visitamos as várias exposições dos trabalhos, que foram muito explicadas às pessoas presentes e, por último, a escola serviu um café, acompanhado de bolos e biscoitos produzidos nas aulas práticas.

Como vimos, o Plano de Estudos move a dinâmica da escola, mas percebe-se que muitos alunos não conseguem trazer informações consistentes. Talvez por se tratarem de

temas ligados ao dia—a-dia deles, muitos ainda insistem em eles mesmos trazerem as informações, o que descaracteriza parcialmente a pesquisa.

Para dinamizar o PE, extraindo dele suas potencialidades, pensamos estudar o gênero entrevista, mostrando suas funções enquanto instrumento real de produção textual. Inicialmente lemos algumas entrevistas, discutimos sobre elas, vimos a importância do contexto de produção, a questão do suporte, o público-alvo, a finalidade do texto.

Participaram do projeto farinha os alunos do 4º. Ano e, mais diretamente, os do 3º. Ano. Como texto motivador, lemos a entrevista *Futuro aberto, mas promissor*, veiculado na revista Globo Rural/Março de 2011.

Nessa leitura, consideramos alguns fatores importantes, como o suporte da entrevista, uma revista especializada em temas agropecuários e que tem credibilidade de seus leitores. O entrevistado ser uma pessoa de renome, e credibilidade no assunto, o Senhor Jorge Rubez, engenheiro civil e produtor de leite, presidente da Associação Brasileira dos Produtores de Leite B (Leite Brasil).

Na entrevista, Jorge Rubez destaca a situação atual da pecuária leiteira no Brasil e aponta a importância do incremento na produção de leite, e que este não acontece isoladamente, mas em conjunto a outros fatores, dentre os quais o manejo, a genética e a vontade do pecuarista em produzir leite de qualidade e, em consequência, conseguir melhor preço do produto.

Complementando o estudo sobre entrevistas, vimos características formais do gênero textual, dentre elas a apresentação do entrevistado, sistema de perguntas e respostas, organização das perguntas, marcas linguísticas e enunciativas, finalidade, suporte de publicação, contexto de produção.

Conhecendo particularidades do gênero, partimos para planejamento de ações junto à farinha. Munidos de gravadores, papel e lápis entrevistamos as pessoas da farinha e registramos todo nosso trabalho também em fotos. O passo seguinte foi transcrever do gravador, portando da fala, para o papel, para o escrito.

Os alunos sabiam que o trabalho final, a entrevista, seria apresentada a um público leitor, primeiramente aos da escola, no dia 11 de agosto, dia da culminância do projeto, e, posteriormente, em nosso jornal escolar que circula além da cerca escolar. Além disso, seria também posto no blog da escola, o que já está sendo providenciado. Essas informações são importantes, pois sabemos que o destinatário de nosso texto interfere muito no processo de produção. Enriquecendo a atividade, foram tiradas muitas fotografias, que serviram inclusive de exposição, e algumas delas ainda continuam expostas no refeitório da escola.

Nessa atividade não nos preocupamos em seguir minuciosamente o comportamento da transcrição ou da retextualização da modalidade falada para a escrita, o que será feito posteriormente. Nessa etapa do processo, nos preocupamos em demonstrar, a importância da fala, e do que dizemos sobre nós, sobre nossa cultura. Acreditamos que esta atividade que envolveu fala e escrita contribua para mostrar a importância da linguagem para dizer sobre nós, sobre nosso trabalho, além de destacar a relação entre as práticas diárias e a teoria, ou entre o conhecimento empírico e o científico, e que isso sirva como fator também importante para desconstruir o mito de que o trabalho com a linguagem, sobretudo com a Língua Portuguesa, seja prioridade da modalidade escrita, e sim que ambas, fala e escrita, igualmente se completem.

Referências Bibliográficas

ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003 (Série Aula; 1).

ARAÚJO, Inês Lacerda. **Do signo ao discurso: introdução à filosofia da linguagem**. Parábola Editorial. São Paulo, 2004.

BRONCKART, Jean-Paul. **Atividade de linguagem: textos e discursos: por interacionismo sociodiscursivo**. ed. EDUC. São Paulo, 1999.

GIMONET, Jean-Claude. **Praticar e compreender a Pedagogia da Alternância dos CEFFAS**. ed. Vozes. Petrópolis-RJ. AIMFR, 2007.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 10.ed. São Paulo. Cortez, 2010.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 2.ed., 5. reimpr. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.